

AMOR E ÓDIO: IDENTIDADES CRUZADAS

MEIHY, J. C. S. B. **Augusto & Lea: Um caso de (des) amor em tempos modernos.** São Paulo: Contexto, 2006

Resenhado por Joselaine Dias de Lima Silva (UNILA)

José Carlos Sebe Bom Meihy é um pioneiro nos estudos de história oral no Brasil, professor aposentado do departamento de História da Universidade de São Paulo, onde obteve títulos de doutor e livre-docente. Atuou como professor-pesquisador visitante em diversas Universidades fora do Brasil. Atualmente é coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO-USP). Possui experiência na área de História, com ênfase em História oral, História moderna e Contemporânea¹.

Augusto & Lea; um caso de (des)amor em tempos modernos é uma obra que se estrutura em oito narrativas de vida, resultado de encontros com os participantes das entrevistas. O intuito da obra é levar o leitor a conhecer um drama dos tempos atuais, no qual é abordado o quanto é afetada uma família da elite paulistana pela doença, no caso, a contaminação pelo vírus HIV. O drama, apresentado por meio dos relatos dos familiares, oferece elementos que demonstram as dores, as cicatrizes, as feridas abertas, embutido de valores morais na estrutura da sociedade. As versões dos fatos são construídas por personagens de nomes fictícios: Augusto o marido, Lea a esposa, os filhos, Marcos e Rafael, a nora Leta, Marieta a empregada da casa, a enfermeira Greta e a amiga Martha.

O autor adota a forma de narrativa chamada de transcrição e inicia o livro esclarecendo sobre as entrevistas que ocorreram no cenário da trama e da dissolução dos laços atados por uma família que se fez na junção do capital e do trabalho. Ressalta que um dos paradoxos encontrados ocorreu entre a decisão das pessoas em participar das entrevistas, por se verem expostas à situação de publicidade. Nas narrativas iniciais, esclarece o drama da

¹ Informações disponíveis em: <http://www.bv.fapesp.br/pt/pesquisador/86730/jose-carlos-sebe-bom-meihy/>

doença vivenciado por diferentes pontos de vista. Augusto, homem trabalhador, casado, com filhos adultos, é um empresário bem-sucedido do ramo de construção civil, que contrai HIV em um relacionamento homossexual e transmite a doença para a esposa Lea. Por não ter coragem de revelar a doença e por medo da repressão que o mesmo sofreria dos familiares e da sociedade, prolonga o máximo possível sua confissão. Augusto tem apenas como confidente o médico que trata de sua doença, que também não revela a Lea sobre a contaminação, para que possa receber o tratamento na fase inicial.

A obra começa com a história de vida de Lea, 49 anos, esposa fiel, religiosa, de família bem sucedida, que levava uma vida aconchegante, sem precisar exercer trabalho remunerado. Teve dois filhos e nunca desconfiou da infidelidade do marido. O drama de Lea começa quando é levada a descobrir que o marido se tornara portador do vírus HIV e havia sido contaminada. A partir de então, por receber a notícia tardiamente, não alcançou o tratamento no início da doença, fazendo com que seu estado clínico se agravasse rapidamente, deixando-a consciente de sua realidade e convicta que se tornara “vítima do lar”. Sentia na alma e na carne o machismo, a crise de valores, as mudanças de hábitos, a permanência de hipocrisias que sustentavam as relações sociais, e assim, manifesta sentimento de ódio por Augusto.

Lea, imersa na lucidez apavorante, ao reconhecer uma série de valores que lhes impuseram durante a vida, como que menina boa, cristã, certinha, sempre seguira as normas de condutas ditadas, percebe que, no fundo, eses valores não passavam de preconceitos domesticadores da liberdade. Neste momento de fúria, expulsa Augusto de casa, quer vingança, com o desejo de prejudicá-lo por meio do processo judicial de separação de bens.

A segunda história é de Augusto, bom aluno e esforçado. Formou-se em engenharia e dedicou-se no ramo de construção civil e venda. Casou-se com Lea, filha do dono da empresa na qual trabalhava, sempre fora dedicado ao trabalho e ambicioso. Alcançou sucesso nos negócios por seu empenho e dedicação. A primeira relação sexual aos 22 anos foi com Lea, sentia medo do sexo, pela opressão da família, da religião e da sociedade. Com o casamento, tornou-se sócio da empresa do sogro, pelo regime de comunhão de bens, e passou a ter mais regalias, viajar, participar das reuniões de negócios e ter um chofer particular.

Augusto teve uma aproximação com o motorista, com o qual teve a primeira relação homossexual, depois vieram outras relações e Augusto acabou sendo infectado pelo vírus

HIV. Ao receber a confirmação, iniciou o tratamento com o coquetel e alguns cuidados com alimentação e remédios. Augusto e Lea dormiam em quartos separados há algum tempo, porém, em uma viagem para a fazenda de amigos em Minas, dormiram juntos em cama de casal e tiveram relação sexual. Augusto se colocava como vítima, infectou a esposa, mas não teve coragem de falar sobre a doença e presenciou Lea enfraquecendo e morrendo a olhos vistos.

Seu desespero e preocupações multiplicavam-se, era tempo de contar tudo, mas não teve coragem, pois o medo de ser julgado pelo seu ato cruel era maior do que ver a esposa na situação decadente. Procurou por seu médico e juntos tramaram um esquema para que a esposa descobrisse a doença. E só depois de Lea descobrir tudo, Augusto contou para os filhos, Marcos e Rafael, em uma reunião com seu médico.

Marcos, o filho mais velho, formou-se em medicina, casou-se com Regina e mantinha uma rotina cômoda depois de formado. A revelação da doença causou-lhe sentimento de culpa, raiva, constrangimento, vergonha, tristeza e mágoa. Das lembranças que tinha da mãe sempre dedicada à família, aos filhos, não perdoava o pai pelo ocorrido, principalmente o modo como o pai manipulou tudo e todos. Marcos, ao relatar sobre a doença, expõe suas limitações como médico, pois nada pode fazer para controlar a doença que atingiu a todos da família.

O filho caçula Rafael, casado, formou-se em direito, tornou-se advogado e trabalha em um bom escritório. Conta que sempre teve carinho, apoio e facilidade na interação com todos da família. A casa vivia cheia de amigos, parentes e até achava que o mundo era bom. Divide sua vida entre antes e depois do fato, manifesta o desapontamento com o pai, que foi covarde e não deixou tudo às claras, o desespero em vivenciar a trama, ver a inocência absoluta da mãe, e no corpo dela a doença se manifestando, tudo isso causara-lhe muita tristeza.

Leta, esposa de Rafael, nora e amiga de Lea, discorre também como toda aquela situação a afetou. Hoje, mais amargurada e descrente, divide a vida entre os problemas diários. Leta e Lea sempre foram muito próximas, unidas e íntimas. Depois da doença, houve um distanciamento e mudanças na relação com Lea, pois sentia-se afetada enquanto mulher. Para Leta, a atitude egoísta e covarde de Augusto de infectar a própria esposa e não revelar nada a tempo para o tratamento reforçava a sua fragilidade enquanto mulher. A expressão

“sexo frágil” lhe incomodava, mas reconhecia que era frágil e o mundo machista. Neste momento Lea, representa a angústia, o ódio das mulheres sobre os padrões sociais impostos.

A empregada Marieta trabalhara para a família desde menina, quando o primeiro filho, Marcos, nasceu. Passou boa parte de sua vida na casa dos patrões, conhece e guarda detalhes de cada um deles. “A casa nunca fora alegre, mas também nunca triste de um todo”. “Vivem como se a morte fosse chegar a qualquer hora” (p. 96). Marieta, assim como outros personagens, também divide a vida da família entre antes e depois da doença. Em seu relato, conta que o dia mais triste foi quando descobriu “a cachorrada do Dr. Augusto” (p. 97). Notou todos os comportamentos diferentes e acompanhou as mudanças de Lea desde o começo, as gripes constantes, as manchas na pele, a tosse e o emagrecimento repentino.

A enfermeira Greta, jovem de apenas 25 anos, trabalha e estuda, chegou até a família por indicação da clínica em que Lea se tratava. Realiza uma pesquisa de mestrado sobre “gênero e doenças terminais” (p. 103). Aceitou cuidar de Lea para realizar um estudo experimental na pesquisa. Acompanha Lea durante o dia e relata sua rotina como enfermeira, que por vezes esquece do distanciamento e da neutralidade necessários para uma boa profissional, pelo fato de tudo ser dramático e desconcertante. Greta afirma que, embora a rotina diária seja bem agitada, seu relacionamento com Lea é bom, e um dos sentimentos mais fortes que presenciara de Dona Lea é o ódio por Augusto, quando está na hora de tomar os remédios, “a cada pílula, a cada gole, a cada troca de fraldão, uma rajada de maldições vem à tona” (p. 107). A enfermeira mantém Lea calma, mas em condições de expressar o que sente.

Martha é amiga e confidente de Lea, elas cresceram juntas. Aproximaram-se mais intensamente quando Martha separou-se do marido e com a revelação da doença de Lea. Para ela, elas sempre foram criadas como bonecas de luxo e nunca aprenderam a lidar com o sentimento de traição. Entende a expansão do poder masculino observando a sina de Lea.

São muitas as contribuições do livro *Augusto e Lea: um caso de (des)amor em tempos modernos*. Na obra, é possível perceber uma preocupação especial com a morte, suas razões e suas implicações, bem como a questão de gênero, presente em todas as narrativas. O livro apresenta histórias de vida que atravessam as relações do sujeito com o mundo e convida o leitor a sair do seu lugar cômodo e refletir sobre o drama, compreendendo como as identidades se cruzam e relacionam-se entre si. As histórias de vida são elementos fundamentais no processo de construção das identidades, tanto no nível pessoal como

coletivo. Essa identidade é uma construção histórica, pois são construídos novos sujeitos sociais, estabelecendo, assim, novas condutas sociais e políticas.

No texto, a relação entre história e memória que cada personagem possui faz com que as narrativas, por si, dividam-se entre antes e depois da doença na família. Neste contexto, o amor que perdurou na vida de Lea e familiares transformara-se em ódio pela ação de Augusto. A hipocrisia de manter a doença em segredo o máximo que pode, para preservar seu status social, fez brotar o sentimento mais vivo de Lea, o ódio, pois não pode se defender. De modo geral, os nomes fictícios preservam a identidade das personagens, dando a posição de pessoas reais, que realmente existiram.

Nota-se, no desenrolar da trama, que a história oral de vida tem um poder único de dar acesso às experiências; com preocupação da metodologia, a obra demonstra a possibilidade da construção de fontes orais que nortearam a produção intelectual do autor como historiador. O drama contemporâneo se interliga entre memória, identidade e comunidade, pois “a justificção dos dramas vividos em uma casa de família se explicaria pelo seu papel na cidade. A cidade imersa na cultura nacional, por sua vez daria sentido aos preconceitos” (p. 11). As identidades de cada personagem encontram-se imersas na identidade nacional. São memórias coletivas interligadas pelo sistema “sociedade”, que formam as identidades individuais arraigadas de tradições.

Diante do exposto, cabe ressaltar que tanto o projeto quanto a pesquisa destacam o caminho no processo de produção e exibem as brechas que instiga o leitor a pensar ou imaginar o que realmente aconteceu no drama apresentado nas entrevistas e a devastação provocada pela AIDS, observando a vida dos personagens antes e depois da doença instalada na família. Analisando quem eram e em quem se tornaram. A centralidade do problema em um segmento social atravessa o campo da ética, da razão, da fé e especialmente abrange as relações entre os membros da família, enfrentando uma doença incurável.

A obra *Augusto & Lea; um caso de (des)amor em tempos modernos* de José Carlos Sebe Bom Meihy permite a reflexão a partir da temática da trajetória de vida de uma ou mais pessoas, as relações familiares, as identidades que se cruzam destacando o entrelugar entre o amor e o ódio. O autor adota a transcrição, manifestando sua visão do trabalho de história oral. O livro termina com uma carta de Augusto ao autor, marcada pela dor, expondo a complexa relação do sujeito com o mundo que o cerca.